



Fraternidade Leigos Cavanis
Casa Sagrado Coração, ISTITUTO CAVANIS
Via Col Draga – POSSAGNO (TV)

MOSTEIRO INVISÍVEL - 2 Setembro 2021

O caminho espiritual do crente, ainda hoje, é frequentemente interpretado em chave moral como um itinerário de libertação do pecado, através o exercício de uma disciplina interior baseada na mortificação e na renúncia.

O risco dessa abordagem é considerar a salvação como uma meta merecida com o nosso esforço, conquistada por meio de nosso compromisso moral, quase a recompensa devida a nossa luta interior. Esta maneira de ver, porém, anula o sacrifício de Cristo: se me salvam os meus méritos alcançados ou as minhas obras de justiça, a cruz de Cristo não é mais necessária. Sobre isso, o apóstolo Paulo é categórico: "Quando porém se manifestou a bondade de Deus, o nosso Salvador, e o seu amor pelos homens, Ele nos salvou não em virtude de nossos méritos ou em virtude das obras de justiça que fizemos, mas por sua misericórdia por meio de uma lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo" (Tito 3, 4-5).

O que não funciona é a nossa compreensão do mistério do pecado que, no Novo Testamento, antes de uma ação pela qual somos responsáveis, é uma condição da qual somos vítimas. Especialmente é o apóstolo João que nos ajuda a entender isso quando ele distingue entre "o pecado" e "os pecados"; no texto grego as duas situações são especificadas, não apenas pelo uso do singular ou plural (como na tradução italiana), mas pelo uso de dois termos diferentes.

O pecado, no singular, é identificado pelo termo ***amartìa*** que indica não tanto algo que é feito, mas sim algo que não está disponível (*amartàno* em grego significa “não ter”, “faltar de...”); ***os pecados***, no plural, em vez, são identificados pelo termo ***adikìa*** (transgressão da justiça) ou ***avomìa*** (transgressão da lei) e são, esses sim, fruto de nossa fraqueza radical. Mas o que nos exclui da plenitude da vida é o pecado, e "o pecado do mundo (*amartìa*) é este" – diz sempre Jesus segundo o testemunho de João - "que não creiam em mim" (Jo 16, 9) .

*A chave é, portanto, **acreditar** (etimologicamente "dar o coração"), isto é, entrar naquela dimensão de familiaridade com Deus que Jesus veio realizar através do "caminho novo e vivo" da Encarnação.*

A liturgia da Assunção, celebrada neste mês de Agosto em que ainda estou preparando o texto que usaremos para renovar o compromisso do Mosteiro Invisível, nos lembra que a nossa fragilidade uma Mãe é dada como um dom que compartilhou conosco o cansaço do caminho sobre a terra e que inaugurou para nós a entrada na pátria do Céu, ao lado do seu bendito Filho.

Crer, portanto, é antes de tudo acolher o Filho em nós, gerá-lo pela fé e doá-lo pelo serviço. Esta foi a sensibilidade própria dos Fundadores, Pe. António e Pe. Marcos, e disso nós queremos deixar-nos guiar no início deste novo ano pastoral e escolar.

Do livro do Apocalipse de São João Apóstolo (Ap 11, 19a; 12, 1-6a.10ab)

O templo de Deus abriu-se no Céu e a arca da aliança foi vista no seu templo. Apareceu no Céu um sinal grandioso: uma mulher revestida de sol, com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça. Estava para ser mãe e gritava com as dores e ânsias da maternidade.

E apareceu no Céu outro sinal: um enorme dragão cor de fogo, com sete cabeças e dez chifres e nas cabeças sete diademas. A cauda arrastava um terço das estrelas do céu e lançou-as sobre a terra.

O dragão colocou-se diante da mulher que estava para ser mãe, para lhe devorar o filho, logo que nascesse. Ela teve um filho varão, que há-de reger todas as nações com ceptro de ferro.

O filho foi levado para junto de Deus e do seu trono e a mulher fugiu para o deserto, onde Deus lhe tinha preparado um lugar. E ouvi uma voz poderosa que clamava no Céu: «Agora chegou a salvação, o poder e a realeza do nosso Deus e o domínio do seu Ungido».

De "OS CAVANIS E A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA" do Pe. Giovanni De Biasio, em www.cavanis.org

Ao amor da querida Mãe Maria atribuíram as graças e as ajudas também pelas necessidades materiais da vida do grupo juvenil (Congregação Mariana), das Escolas e da nova Congregação nascida em 1819-20, por exemplo, a compra do prédio para as Escolas e para os Retiros, o pagamento das dívidas, o resultado de pesadas práticas burocráticas: tudo isso foi colocado no Diário da Congregação para se lembrarem. Devemos, portanto, dizer que o termo "patrocínio" significava duas grandes expressões de fé e de devoção deles a Maria: (a) a certeza de que Maria, a cujo coração de mãe Jesus morrendo tinha confiado a humanidade, estava presente. Vigiava, protegia com a sua oração a vida deles, a obra e os jovens a eles confiados; (b) a confiança total em Maria que se tornou o exemplo ideal de aceitação e de acolhimento da Vontade de Deus, de

escuta da Palavra, de pureza e castidade, de amor gratuito: por isso nos confiamos a Ela para fazer com a sua ajuda o caminho da vida.

(...)

Na história da espiritualidade católica, a iniciativa de celebrar um Ano mariano é devido aos nossos Pais Fundadores. Não há notícias anteriores sobre isso. Se conhece o Mês mariano que no Ocidente é o mês de Maio, devido à devoção popular, caracterizada pela oração do Rosário e pela prática dos pequenos sacrifícios ou ato generoso feito pela devoção a Maria. No Oriente se desenvolveu logo um Mês mariano em uma base litúrgica: para os Ortodoxos é o mês de Agosto, centrado na grande festa da Dormição de Maria ou Assunção (Maria foi elevada ao Céu), enquanto para os Coptas é o mês de Dezembro com a grande solenidade do Nascimento do Senhor. Tendo celebrado por três vezes em sua vida um ano mariano, junto com os confrades de sua nova Congregação religiosa e os alunos dos dois Institutos, atesta o quão profundo foi em nossos dois veneráveis fundadores a devoção a Maria Santíssima, como eles sentiram vivo e ativo o seu amor materno, necessária a imitação das virtudes, com qual confiança eles invocaram o patrocínio. Obtemos isso também na oração “Ó QUERIDA MÃE MARIA.

(...)

Observa Pe. António: “Ele nos deixa Maria como nossa Mãe, se queremos ser discípulos”, se somos dispostos a acolhê-la em nossa casa, participante e sustentadora de nossa vida consagrada e de nosso apostolado. Dependente deste ícone fundamental, encontramos outras imagens de Maria para as três partes em que se divide a oração nas quais os nossos Padres nos ensinaram a pedir diariamente e insistentemente: (1) a santidade para nós e para todos; (2) que o nosso Instituto cresça e se fortaleça para a glória de Deus e para o bem dos jovens “abandonados”; (3) a vitória sobre o mal, com a ajuda da Imaculada Conceição, e a bênção sobre todos os sacrifícios e compromissos educativos destinados a " acolher, proteger e para levar a juventude para a bela pátria".

